

Universidade Federal de Santa Catarina
Licenciatura em Letras-LIBRAS na modalidade a distância

Karin Strobel

HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO DE SURDOS

FLORIANÓPOLIS

2009

APRESENTAÇÃO

Caro(a) aluno(a)!

Estamos iniciando o estudo de mais uma disciplina da Letras/Libras. Desta vez a disciplina estudada será a ***História da Educação dos Surdos*** que está dividida em 9 unidades.

- 1. A importância do conhecimento histórico**
- 2. Construindo a história**
- 3. O tempo e a história**
- 4. Cronograma da história de surdos**
- 5. Diferentes olhares na história de surdos**
- 6. Historicismo: o conflito do Congresso de Milão 1880**
- 7. História cultural: Refletindo nas diferenças culturais surdas na história**
- 8. Representações de surdos no Brasil**
- 9. Construção de História cultural de surdos: memórias das narrativas surdas como registro.**

Para refletirmos sobre as fundamentações da educação de surdos atual, não há nada melhor do que fazer um breve passeio pelas raízes da história de surdos.

Conhecer a história de surdos não nos proporciona apenas a ocasião para adquirirmos conhecimentos, mas também para refletirmos e questionarmos diversos acontecimentos relacionados com a educação em várias épocas. Por exemplo, por que atualmente, apesar de se ter uma política de inclusão, o sujeito surdo continua excluído?

Você já parou para pensar e/ou pesquisou algo sobre o povo surdo e as suas comunidades? Não? Nesta disciplina você irá refletir sobre algumas apreciações referentes nas unidades que são de significativa importância não só

para a compreensão do conhecimento histórico, mas também para percorrermos com diferentes 'olhares' acerca da história de povos surdos.

O alvo principal que norteia as discussões no transcurso das unidades é o '**povo surdo**', nele você perceberá que existem diferentes identidades surdas, movimentos surdos, comunidades surdas, fontes históricas, pedagogia surda, memórias surdas e outros artefatos culturais.

O que quer dizer isto?

Quer dizer que, dependendo dos contextos da história em que os povos surdos estão inseridos, existem diferentes 'olhares' de como se interpreta uma história. A forma parcial dos registros dos vários pesquisadores mostra-nos sua preocupação em nos apresentar a história de surdos numa visão limitada que focalizam, na maior parte, os esforços de tornar os sujeitos surdos de acordo com os modelos ouvintes oferecendo "curas" para as suas "audições" danificadas.

O povo surdo já existia, voltando muito mais no tempo, centenas de gerações antes de vocês desenvolveram conhecimentos e realizarem transformações que produziram a comunidade surda. No entanto, tem muito mais que ainda precisa ser aprimorado e criado, e para essa tarefa é de importância fundamental o conhecimento do passado, o saber histórico. Esta conquista, a memória viva que define o nosso presente, fornecerá artefatos culturais que permitirão alterar para melhor o mundo do povo surdo.

A história da educação de surdos não é uma história difícil de ser analisada e compreendida, ela evolui continuamente apesar de vários impactos marcantes, no entanto, vivemos momentos históricos caracterizados por mudanças, turbulências e crises, mas também de surgimento de oportunidades.

OBJETIVOS GERAIS

- Buscar conhecimentos dos fundamentos históricos da educação de surdos, para que seja possível identificar seus espaços, suas possibilidades de emergência de posições didáticas e sua percepção como língua de um povo.
- Introduzir nos acontecimentos da história da educação dos surdos, a fim de perceber a presença de elementos advindos da educação de surdos e a possibilidade de uma história cultural dos surdos.

OBJETIVOS ESPECIFICOS

- ⇒ Buscar conhecimentos nos fundamentos históricos da educação de surdos
- ⇒ Entender a educação de surdos nos diferentes períodos históricos
- ⇒ Esclarecer sobre os diferentes olhares da história de surdos do presente e do passado
- ⇒ Entender o surdo como sujeito consciente de sua identidade e de seu papel na sociedade
- ⇒ Exercitar o poder de crítica e a disposição para promover transformações ao povo surdo
- ⇒ Introduzir competências úteis para registro da história em outras áreas do conhecimento, como ler textos científicos e jornalísticos, realizar debates e produzir documentos históricos.

Unidade 01

A IMPORTÂNCIA DO CONHECIMENTO HISTÓRICO

A história comum dos Surdos é uma história que enfatiza a caridade, o sacrifício e a dedicação necessários para vencer “grandes adversidades”.

Nídia Limeira de Sá

Oi, alunos!

Agora vocês vão instruir-se na disciplina história de educação dos surdos. Nesta disciplina procuramos aprender, estudar e pesquisar sobre a vida do Povo Surdo e a Comunidade Surda.

- Quem são eles?
- De onde vieram?
- Como a Comunidade Surda começou a existir?
- Quais as transformações pelas quais passou para chegar ao que é hoje?

O Estudo da história de surdos pode ser uma fonte de prazer, isto porque ela desperta a nossa curiosidade, não é mesmo?

Antes de raciocinarmos sobre a história de surdos, primeiro vamos contemplar o que é ‘*história*’.

A história é a ciência que estuda a forma de como os homens se organizaram e viveram no passado e entender o processo de constante transformação, no caso da história de surdos, estudamos de como os povos surdos se organizaram e viveram no passado e entender o processo e de transformações de como as comunidades surdas surgiram.

O estudo do passado é importante para entendermos a situação atual. O estudo do passado nos ajuda a compreender o presente.

Para saber o motivo de estudar a história, devemos nos lembrar de três palavras essenciais: *passado*, *presente* e *futuro*. Por exemplo: Vivemos o presente, temos um passado e esperamos ter um futuro, com as comunidades surdas é a mesma coisa.

A palavra “*História*” nasceu da Grécia antiga e significava “investigação”. O sujeito que pela primeira vez empregou esta palavra, com o sentido de investigação do passado foi o grego Heródoto, que é considerado o “pai da história”.

Isto é bastante interessante, pois é através de investigação que nós descobrimos e obtemos as respostas de como o povo surdo vem pensando, produzindo e se relacionando ao longo do tempo.

CONCEITO

Povo Surdo e a Comunidade Surda

O **povo surdo** é grupo de sujeitos surdos que tem costumes, história, tradições em comuns e pertencentes às mesmas peculiaridades, ou seja, constrói sua concepção de mundo através da visão.

A **comunidade surda**, na verdade não é só de surdos, já que tem sujeitos ouvintes junto, que são família, intérpretes, professores, amigos e outros que participam e compartilham os mesmos interesses em comuns em um determinado localização que podem ser as associação de surdos, federações de surdos, igrejas e outros.”

Unidade 02

CONSTRUINDO A HISTÓRIA

*"(...) olhar a identidade surda dentro dos componentes que constituem as identidades essenciais com as quais se agenciam as dinâmicas de poder. É uma experiência na convivência do ser na diferença."
(Perlin e Miranda)*

Nós sabemos que com a história de educação dos surdos nós pesquisamos e investigamos o passado dos povos surdos e das comunidades surdas, procurando obter episódios e compreender as suas realizações lingüísticas, educacionais, sociais, políticas e culturais.

Com estas investigações permite-nos conhecer os acontecimentos e as conseqüências das transformações pelas quais passou o povo surdo e fornece informações que ajudam a explicar as comunidades surdas atuais.

Estes acontecimentos chamam-se *atos históricos*, como cita Vicentino:

"A matéria prima da história são os fatos históricos, acontecimentos que possuem repercussão social, para os quais se busca uma explicação de suas causas e efeitos. A morte do presidente do Brasil, Getúlio Vargas, em 1954, é um exemplo de fato histórico. (...) Já o fato social é um acontecimento corriqueiro na vida de uma sociedade, que possui pequeno impacto imediato, como a morte das pessoas ou a crise financeira de alguém da comunidade." (1994, p.7)

Para conhecermos e pesquisarmos os fatos históricos precisa-se recuperar marcas ou vestígios deixados pelos homens no passado, estes vestígios chamam-se: *Fontes históricas*.

A palavra fonte significa o ponto de origem, o lugar onde brota, algo que se projeta e se desenvolve indefinidamente e inesgotavelmente, no caso da história, evidentemente a fonte histórica, são construídas, isto é, são produções humanas. Vamos ver o esclarecimento do autor Dermeval Saviani sobre os três casos de fontes:

Primeiro caso: "(...). São documentos, vestígios, indícios que foram acumulando-se ou foram sendo guardados, aos quais recorreremos quando

buscamos compreender determinado fenômeno”. (2004, p.6)

Segundo caso: “(...) situa-se o nosso empenho em preservar os materiais de que nos servimos, seja como educadores, seja como pesquisadores, tendo em vista sua possível importância para estudos futuros quando esses materiais serão, eventualmente, tomados como preciosas fontes pelos historiadores em sua busca de compreender o seu passado que é o nosso presente.” (2004, p.7)

Terceiro caso: “(...) estão os registros que efetuamos quando recorremos, por exemplo, a testemunhos orais, cujo registro efetuamos para neles nos apoiarmos em nossa investigação.” (2004, p.7)

Na história, as fontes históricas podem ser:

Fontes mudas: podem ser: esqueletos, utensílios, armas, pinturas, túmulos, restos de habitações, monumentos, templos, palácios, estátuas, esculturas, cerâmicas e outros.

Fontes escritas: podem ser: inscrições em pedras, em moedas, em metais e textos de papiro, pergaminho, barro, arquivos, diários, livros, documentos, jornais, revistas e panfletos.

Fontes narradas: são as lendas, as línguas, as tradições e culturas das comunidades que são passadas de geração a geração através de narrativas.

ENTÃO, VAMOS REVISAR:

Os historiadores servem-se vestígios do passado para reconstruir fatos históricos. Os povos surdos deixaram vestígios diversos sobre sua existência que são as fontes históricas.

Então entenderam?

Vocês sabiam que não é qualquer acontecimento que é considerado um fato histórico?

O fato histórico tem certa importância que traz consequências em outros

acontecimentos presentes, passados ou futuros.

Fatos históricos geralmente são únicos e não se repetem, devemos investigar e estudar os fatos históricos através das fontes históricas.

Para entendermos um fato histórico, os historiadores investigam o seguinte:

- ***O que aconteceu?***
- ***Onde aconteceu?***
- ***Quando aconteceu?***
- ***Como aconteceu?***
- ***Porque aconteceu?***
- ***Que conseqüências trouxe?***

Veja a seguir um exemplo de um fato histórico de duas pessoas conhecidas pelo povo surdo.



Fonte: www.postalmuseum.si.edu/.../BIGhelenkeller.htm

➤ **O que aconteceu?**

Uma professora, Anne Sullivan, veio ensinar uma menina surdacega chamada Helen Keller.

➤ **Onde aconteceu?**

Em Alabama, estados Unidos.

➤ **Quando aconteceu?**

A partir do ano de 1887.

➤ **Como aconteceu?**

Uma professora, Anne Sullivan, veio ensinar uma menina surdacega chamada Helen Keller.

➤ **Porque aconteceu?**

A Helen Keller ficou surda e cega aos 2 anos de idade em consequência de febre alta. Ela se tornou uma menina revoltada. Destruía tudo o que lhe caía às mãos, recusava-se a comer direito e a deixar-se vestir, pentear e lavar. Então os pais, desesperados, procuraram ajuda e foi-lhes indicada a professora especializada que se tornou muito importante na vida de Helen: Anne Sullivan.

➤ **Que consequências trouxe?**

Helen Keller obteve graus universitários e publicou trabalhos autobiográficos e artigos diversos. Ela lutou para difundir os métodos de ensino aos surdos-cegos e pela aceitação das pessoas como ela pela sociedade. Assim sua corajosa conquista serviu de exemplo e inspiração aos surdos-cegos!

Obs: Sugestão: assistir o filme “O milagre de Anne Sullivan”

Unidade 03

TEMPO E A HISTÓRIA

*“Eu não quero explicar o passado
nem adivinhar o futuro.
Eu só quero entender o presente”*
Jorge Luiz Borges

Já comentamos um pouco sobre as transformações ocorridas na comunidade surda, falta comentar sobre a noção de tempo.

Para estudarmos a História é, portanto, voltar às épocas passadas para conhecê-lo.

Para descrever e explicar o passado nos selecionamos os fatos que consideramos mais importantes. Escrever história não é simplesmente contar detalhadamente tudo o que aconteceu, mas também organizar os acontecimentos selecionados e darmos uma explicação científica a eles.

Por isto é importante compreender o tempo e suas divisões.

O tempo é essencial no estudo da história, mas não devemos exagerar a sua importância (no ensino tradicional preocupavam-se com a decoreba de datas e nomes, longe da realidade se tornando em assuntos chatos que existiam apenas em livros velhos, fotos amareladas e na poeira dos museus). Estas preocupações de compreender o tempo e suas divisões servem apenas para nós como referência para ordenarmos os fatos.

Assim, o tempo ajuda-nos a situar um determinado acontecimento, tem casos que basta apenas a referência ao século no qual se deu um fato, mas em outros é preciso especificar o ano e até mesmo o mês, o dia e a hora.

Observamos que também a vida das pessoas acompanha uma linha do tempo, com uma seqüência de fatos que vão do nascimento à morte. Assim as pessoas nascem, crescem, tem uma infância, uma adolescência, período escolar, casamento, trabalho, nascimento de filhos e vários acontecimentos durante a vida.

Isto também ocorre com o povo surdo que têm sua evolução em várias

etapas, vamos pesquisar e estudar sobre isto na unidade a seguir.

Construir linhas do tempo deixa mais clara a sucessão dos fatos históricos dos povos surdos e suas interações. Qualquer aspecto da história pode ser representado assim.

Para marcar o tempo, geralmente adotam-se o calendário cristão onde o nascimento de Jesus Cristo corresponde ao ano 1.

Os historiadores convencionaram que a invenção da escrita, ocorrida por volta de 4.000 a.C., é o marco principal da história. Todo o período anterior a este marco denomina-se Pré-história.

Tradicionalmente, os historiadores dividem a História em cinco grandes períodos: Pré-História, Idade Antiga ou Antiguidade, Idade Média, Idade Moderna e Idade Contemporânea.

Essa divisão foi muito criticada. As sociedades são diferentes em cada uma dessas épocas. Além disso, essa divisão foi baseada na história da Europa não correspondendo à realidade histórica de outras partes do mundo.

Mas as maiorias de livros de história se referem constantemente a essas idades, por essa razão é importante revisão básica sobre essa divisão para saber de que época se esta falando.

Na história de surdos dividimos em 3 grandes fases:

1. **Revelação cultural:** Nesta fase os povos surdos não tinham problemas com a educação. A maioria dos sujeitos surdos dominava a arte da escrita e há evidência de que antes do congresso do Milão havia muitos escritores surdos, artistas surdos, professores surdos e outros sujeitos surdos bem-sucedidos.

2. **Isolamento cultural:** ocorre uma fase de isolamento da comunidade surda em consequência do congresso de Milão de 1880 que proíbe o acesso da língua de sinais na educação dos surdos, nesta fase as comunidades surdas resistem à imposição da língua oral.

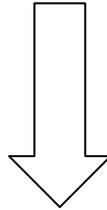
3. **O despertar cultural:** a partir dos anos 60 inicia uma nova fase para o re-nascimento na aceitação da língua de sinais e cultura surda após de muitos anos de opressão ouvintista para com os povos surdos.

Observem abaixo, a linha de vida de uma pessoa fictícia.

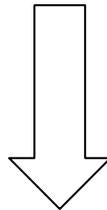
LINHA DO TEMPO

Marcia

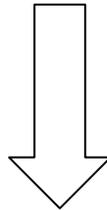
Eu nasci
1970



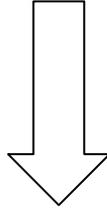
Eu estou na escola de
surdos
1976



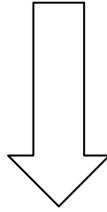
Eu fiz a audiometria
1980



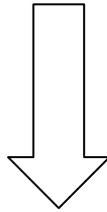
Eu fiz minha primeira viagem para
festa de associação de surdos
1990



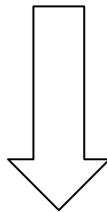
Eu fiz magistério
1996



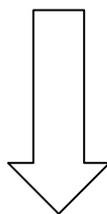
Trabalhei como
instrutora em escola
de surdos
1999



Eu conheci o Márcio,
ele é surdo como eu
2000



Eu casei
2002



Passei no vestibular
Letras/Libras
2006

Unidade 04

CRONOGRAMA DE HISTÓRIA DE SURDOS

O ser surdo está presente como sinal e marca de uma diferença, de uma cultura e de uma alteridade que não equivale à dos ouvintes.

Autor desconhecido

Iniciaremos esta unidade mencionando algumas versões históricas de surdos oficiais registrados em muitos livros. Os fatos listados no cronograma abaixo seguem na seqüência em cinco grandes períodos: Pré-História, Idade Antiga ou Antiguidade, Idade Média, Idade Moderna e Idade Contemporânea.

Esperamos que venham a convir para que todos possam analisar os seus estudos com antecedência já com um conhecimento prévio dos assuntos a serem abordados.

Cito alguns trechos interessante do artigo produzido pela autora Nascimento (acesso 20/09/2006)¹, segundo ela, um professor surdo da França, Berthier escreveu que:

"Inicia a história na antigüidade, relatando as conhecidas atrocidades realizadas contra os surdos pelos espartanos, que condenavam a criança a sofrer a mesma morte reservada ao retardado ou ao deformado: "A infortunada criança era prontamente asfixiada ou tinha sua garganta cortada ou era lançada de um precipício para dentro das ondas. Era uma traição poupar uma criatura de quem a nação nada poderia esperar" (BERTHIER, 1984, p.165).

As narrativas das experiências de vida de sujeitos surdos mostram que não existem só as versões de professores ouvintes, abades, médicos, políticos e outros. Nas comunidades surdas, a associação dos surdos é um dos lugares mais propícios para dar 'voz' a essas novas fontes!

Este cronograma é extração de várias partes de muitas publicações sobre a

¹ Nascimento, Lilian Cristine Ribeiro, "UM POUCO MAIS DA HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO DOS SURDOS, SEGUNDO FERDINAND BERTHIER", <http://143.106.58.55/revista/viewarticle.php?id=126&layout=abstract> acesso: 20/09/2006.

história dos surdos, isto não quer dizer que toda a história é verídica ou não, para isto há uma grande necessidade de uma pesquisa mais profunda para comprovar cada fato histórico registrado, assim como afirma Berthier:

“Até esse ponto sua narrativa da história dos surdos não apresenta nenhuma novidade, mas ao iniciar o relato da educação dos surdos a partir da idade moderna, nos surpreende com a afirmação de que é um erro considerar Pedro Ponce de León (1520 - 1584) o primeiro professor de surdos”

“Ainda tratando de professores espanhóis, Berthier nos revela sua indignação ao ver Juan Pablo Bonet (1579-1629), autor do livro "Arte para enseñar a hablar a los mudos", creditar a si a descoberta de como ensinar o surdo a falar. Segundo Berthier, tal crédito poderia ser reivindicado por seu rival Ramirez de Carrion, que era surdo congênito e teve sucesso, no julgamento dos críticos de seu tempo, em um experimento com Emmanuel Philibert, o príncipe surdo de Carignan. “Seu livro, publicado nove anos depois do de Bonet, recebeu o título Maravillas de naturaleza, em que se contienen dos mil secretos de cosas naturales, 1629”. (BERTHIER, 1984, p. 170).”

<p>Idade Antiga Escrita a 476 d.C,</p>	<p><i>Bíblia: E trouxeram-lhe um surdo, que falava dificilmente: e rogaram-lhe que pusesse a mão sobre ele. E tirando-o à parte de entre multidão, meteu-lhe os dedos nos ouvidos; e, cuspido, tocou-lhe na língua. E levantando os olhos ao céu, suspirou, e disse: Efatá; isto é, Abre-te. E logo se abriram os seus ouvidos, e a prisão da língua se desfez, e falava perfeitamente. E ordenou-lhes que a ninguém o dissessem; mas, quanto mais lho proibiam, tanto mais o divulgavam. E admirando-se sobremaneira, diziam: Tudo faz bem: faz ouvir os surdos e falar os mudos. (Marcos, 7: 31-37)</i></p> <p><i>Na Roma não perdoavam os surdos porque achavam que eram pessoas castigadas ou enfeitiçadas, a questão era resolvida por abandono ou com a eliminação física – jogavam os surdos em rio Tíger. Só se salvavam aqueles que do rio conseguiam sobreviver ou aqueles cujos pais os escondiam, mas era muito raro – e também faziam os surdos de escravos obrigando-os a passar toda a vida dentro do moinho de trigo empurrando a manivela.</i></p>
--	---

Na Grécia, os surdos eram considerados inválidos e muito incômodo para a sociedade, por isto eram condenados à morte – lançados abaixo do topo de rochedos de Taygète, nas águas de Barathere - e os sobreviventes viviam miseravelmente como escravos ou abandonados só.

Para Egito e Pérsia, os surdos eram considerados como criaturas privilegiadas, enviados dos deuses, porque acreditavam que eles comunicavam em segredo com os deuses. Havia um forte sentimento humanitário e respeito, protegiam e tributavam aos surdos a adoração, no entanto, os surdos tinham vida inativa e não eram educados

500 a.C.

O filósofo Hipócrates associou a clareza da palavra com a mobilidade da língua, mas nada falou sobre a audição

470 a.C.

O filósofo Heródoto classificava os surdos como “Seres castigados pelos deuses”.

O filósofo grego Sócrates perguntou ao seu discípulo Hermógenes: “Suponha que nós não tenhamos voz ou língua, e queiramos indicar objetos um ao outro. Não deveríamos nós, como os surdos-mudos, fazer sinais com as mãos, a cabeça e o resto do corpo?” Hermógenes respondeu: “Como poderia ser de outra maneira, Sócrates?” (Cratylus de Plato, discípulo e cronista, 368 a.C.).

355 a.C.

O filósofo Aristóteles (384 – 322 a.C.) acreditava que quando não se falavam, conseqüentemente não possuíam linguagem e tampouco pensamento, dizia que: “... de todas as sensações, é a audição que contribuiu mais para a inteligência e o conhecimento..., portanto, os nascidos surdo-mudo se tornam

	<p><i>insensatos e naturalmente incapazes de razão”, ele achava absurdo a intenção de ensinar o surdo a falar.</i></p>
<p>Idade Média 476 - 1453</p>	<p><i>Não davam tratamento digno aos surdos, colocava-os em imensa fogueira. Os surdos eram sujeitos estranhos e objetos de curiosidades da sociedade.</i></p> <p><i>Aos surdos eram proibido receberem a comunhão porque eram incapazes de confessar seus pecados, também haviam decretos bíblicos contra o casamento de duas pessoas surdas só sendo permitido aqueles que recebiam favor do Papa.</i></p> <p><i>Também existiam leis que proibiam os surdos de receberem heranças, de votar e enfim, de todos os direitos como cidadãos.</i></p> <p>530</p> <p><i>Os monges beneditinos, na Itália, empregavam uma forma de sinais para comunicar entre eles, a fim de não violar o rígido votos de silêncio.</i></p>
<p>Idade moderna 1453 – 1789</p>	<p>1500</p> <p><i>Girolamo Cardano (1501-1576) era médico filósofo que reconhecia a habilidade do surdo para a razão, afirmava que “...a surdez e mudez não é o impedimento para desenvolver a aprendizagem e o meio melhor dos surdos de aprender é através da escrita... e que era um crime não instruir um surdo-mudo.” Ele utilizava a língua de sinais e escrita com os surdos.</i></p> <p><i>O monge beneditino Pedro Ponce de Leon (1510-1584), na Espanha, estabeleceu a primeira escola para surdos em um monastério de Valladolid, inicialmente ensinava latim, grego e italiano, conceitos de física e astronomia aos dois irmãos surdos, Francisco e Pedro Velasco, membros de uma importante família de aristocratas espanhóis; Francisco conquistou o direito de receber a herança como marquês de Berlangar e Pedro se tornou</i></p>

padre com a permissão do Papa. Ponce de Leon usava como metodologia a dactilologia, escrita e oralização. Mais tarde ele criou escola para professores de surdos. Porém ele não publicou nada em sua vida e depois de sua morte o seu método caiu no esquecimento porque a tradição na época era de guardar segredos sobre os métodos de educação de surdos.

Nesta época, só os surdos que conseguiam falar tinham direito à herança.

Fray de Melchor Yebra, de Madrid, escreveu livro chamado “Refugium Infirmorum” ,que descreve e ilustra o alfabeto manual da época. 1613

Na Espanha, Juan Pablo Bonet (1579-1623) iniciou a educação com outro membro surdo da família Velasco, Dom Luís, através de sinais, treinamento da fala e o uso de alfabeto dactilologia, teve tanto sucesso que foi nomeado pelo rei Henrique IV como “Marquês de Frenzo”.

O Juan Pablo Bonet publicou o primeiro livro sobre a educação de surdos em que expunha o seu método oral, “Reduccion de las letras y arte para enseñar a hablar a los mudos” no ano de 1620 em Madrid, Espanha. Bonet defendia também o ensino precoce de alfabeto manual aos surdos.

1644

John Bulwer (1614-1684) publicou “Chirologia e Natural Language of the Hand”, onde preconiza a utilização de alfabeto manual, língua de sinais e leitura labial, idéia defendida pelo George Dalgarno anos mais tarde.

John Bulwer acreditava que a língua de sinais era universal e seus elementos constituídos icônicos.

1648

John Bulwer publicou “Philocopus”, onde afirmava que a língua de sinais era capaz de expressar os mesmos conceitos

que a língua oral

1700

Johan Conrad Ammon (1669-1724), médico suíço desenvolveu e publicou método pedagógico da fala e da leitura labial: “Surdus Laquens”.

1741

Jacob Rodrigues Pereire (1715-1780), foi provavelmente o primeiro professor de surdos na França, oralizou a sua irmã surda e utilizou o ensino de fala e de exercícios auditivos com os surdos. A Academia Francesa de Ciências reconheceu o grande progresso alcançado por Pereire: “Não tem nenhuma dificuldade em admitir que a arte de leitura labial com suas reconhecidas limitações, (...) será de grande utilidade para os outros surdos-mudos da mesma classe, (...) assim como o alfabeto manual que o Pereira utiliza”.

.1755

Samuel Heinicke (1729-1790) o “Pai do Método Alemão” – Oralismo puro – iniciou as bases da filosofia oralista, onde um grande valor era atribuído somente à fala, em Alemanha.

Samuel Heinicke publicou uma obra “Observações sobre os Mudos e sobre a Palavra”.

Em ano de 1778 o Samuel Heinicke fundou a primeira escola de oralismo puro em Leipzig, inicialmente a sua escola tinha 9 alunos surdos. Em carta escrita à L’Epée, o Heinicke narra: “meus alunos são ensinados por meio de um processo fácil e lento de fala em sua língua pátria e língua estrangeira através da voz clara e com distintas entonações para a habitações e compreensão

Uma pessoa muito conhecida na história de educação dos surdos, o abade Charles Michel de L’Epée (1712-1789) conheceu duas irmãs gêmeas surdas que se comunicavam através de

	<p><i>gestos, iniciou e manteve contato com os surdos carentes e humildes que perambulavam pela cidade de Paris, procurando aprender seu meio de comunicação e levar a efeito os primeiros estudos sérios sobre a língua de sinais. Procurou instruir os surdos em sua própria casa, com as combinações de língua de sinais e gramática francesa sinalizada denominado de “Sinais metódicos”. L’Epée recebeu muita crítica pelo seu trabalho, principalmente dos educadores oralistas, entre eles, o Samuel Heinicke.</i></p> <p><i>Todo o trabalho de abade L’Epée com os surdos dependia dos recursos financeiros das famílias dos surdos e das ajudas de caridades da sociedade.</i></p> <p><i>Abade Charles Michel de L’Epée fundou a primeira escola pública para os surdos “Instituto para Jovens Surdos e Mudos de Paris” e treinou inúmeros professores para surdos. O abade Charles Michel de L’Epée publicou sobre o ensino dos surdos e mudos por meio de sinais metódicos: “A verdadeira maneira de instruir os surdos-mudos”, o abade colocou as regras sintáticas e também o alfabeto manual inventado pelo Pablo Bonnet e esta obra foi mais tarde completada com a teoria pelo abade Roch-Ambroise Sicard.</i></p> <p>1760</p> <p><i>Thomas Braidwood abre a primeira escola para surdos na Inglaterra, ele ensinava aos surdos os significados das palavras e sua pronúncia, valorizando a leitura orofacial</i></p>
<p><i>Idade contemporânea 1789 até os nossos dias</i></p>	<p>1789</p> <p><i>Abade Charles Michel de L’Epée morre. Na ocasião de sua morte, ele já tinha fundado 21 escolas para surdos na França e na Europa.</i></p> <p>1802</p> <p><i>Jean marc Itard, Estados Unidos, afirmava que o surdo</i></p>

podia ser treinado para ouvir palavras, ele foi o responsável pelo clássico trabalho com Victor, o “garoto selvagem” (o menino que foi encontrado vivendo junto com os lobos na floresta de Aveyron, no sul da França), considerando o comportamento semelhante à um animal por falta de socialização e educação, apesar de não ter obtido sucesso com o “selvagem” na relação à língua francesa, mas influenciou na educação especial com o seu programa de adaptação do ambiente; afirmava que o ensino de língua de sinais implicava o estímulo de percepção de memória, de atenção e dos sentidos.

1814

Em Hartford, nos Estados Unidos, o reverendo Thomas Hopkins Gallaudet (1787-1851) observava as crianças brincando no seu jardim quando percebeu que uma menina, Alice Gogswell, não participava das brincadeiras por ser surda e era rejeitada das demais crianças. Gallaudet ficou profundamente tocado pelo mutismo da Alice e pelo fato de ela não ter uma escola para frequentar, pois na época não havia nenhuma escola de surdos nos Estados Unidos. Gallaudet tentou ensinar-lhe pessoalmente e juntamente com o pai da menina, o Dr. Masson Fitch Gogswell, pensou na possibilidade de criar uma escola para surdos.

O americano Thomas Hopkins Gallaudet parte à Europa para buscar métodos de ensino aos surdos. Na Inglaterra, o Gallaudet foi conhecer o trabalho realizado por Braidwood, em escola “Watson’s Asylum” (uma escola onde os métodos eram secretos, caros e ciumentamente guardados) que usava a língua oral na educação dos surdos, porém foi impedido e recusaram-lhe a expor a metodologia, não tendo outra opção o Gallaudet partiu para a França onde foi bem acolhido e impressionou-se com o método de língua de sinais usado pelo abade Sicard.

Thomas Hopkins Gallaudet volta à América trazendo o professor surdo Laurent Clerc, melhor aluno do “Instituto Nacional para Surdos Mudos”, de Paris. Durante a travessia de 52 dias na viagem de volta ao Estados Unidos, Clerc ensinou a

língua de sinais para Gallaudet que por sua vez lhe ensinou o inglês.

Thomas H. Gallaudet, junto com Clerc fundou em Hartford, 15 de abril, a primeira escola permanente para surdos nos Estados Unidos, “Asilo de Connecticut para Educação e Ensino de pessoas Surdas e Mudas”. Com o sucesso imediato da escola levou à abertura de outras escolas de surdos pelos Estados Unidos, quase todos os professores de surdos já eram usuários fluentes em língua de sinais e muitos eram surdos também.

1846

Alexander Melville Bell, professor de surdos, o pai do célebre inventor de telefone Alexander Graham Bell, inventou um código de símbolos chamado “Fala visível” ou “Linguagem visível”, sistema que utilizava desenhos dos lábios, garganta, língua, dentes e palato, para que os surdos repitam os movimentos e os sons indicados pelo professor.

1855

Eduardo Huet, professor surdo com experiência de mestrado e cursos em Paris, chega ao Brasil sob beneplácido do imperador D. Pedro II, com a intenção de abrir uma escola para pessoas surdas.

1857

Foi fundada a primeira escola para surdos no Rio de Janeiro – Brasil, o “Imperial Instituto dos Surdos-Mudos”, hoje, “Instituto Nacional de Educação de Surdos” – INES, criada pela Lei nº 939 (ou 839?) no dia 26 de setembro. Foi nesta escola que surgiu, da mistura da língua de sinais francesa com os sistemas já usados pelos surdos de várias regiões do Brasil, a LIBRAS (Língua Brasileira de Sinais). Dezembro do mesmo ano, o Eduardo Huet apresentou ao grupo de pessoas na presença do imperador D. Pedro II os resultados de seu trabalho causando boa impressão.

1861

Ernest Huet foi embora do Brasil devido aos seus problemas pessoais, para lecionar aos surdos no México, neste período o INES ficou sendo dirigido por Frei do Carmo que logo abandonou o cargo alegando: “Não agüento as confusões” e com isto foi substituído por Ernesto do Prado Seixá.

1862

Foi contratado para cargo de diretor do INES, Rio de Janeiro, o Dr. Manoel Magalhães Couto, que não tinha experiência de educação com os surdos.

1864

Foi fundado a primeira universidade nacional para surdos “Universidade Gallaudet” em Washington – Estados Unidos, um sonho de Thomas Hopkins Gallaudet realizado pelo filho do mesmo, Edward Miner Gallaudet (1837-1917)

1867

Alexander Graham Bell (1847-1922), nos Estados Unidos, dedicou-se aos estudos sobre acústica e fonética.

1868

Após a inspeção governamental, o INES foi considerado um asilo de surdos, então o dr. Manoel Magalhães foi demitido e o sr. Tobias Leite assumiu a direção.

Entre os anos 1870 e 1890, o Alexander Graham Bell publicou vários artigos criticando casamentos entre pessoas surdas, a cultura surda e as escolas residenciais para surdos, alegando que são os fatores o isolamento dos surdos com a sociedade. Ele era contra a língua de sinais argumentando que a mesma não propiciavam o desenvolvimento intelectual dos surdos.

1872

Alexander Graham Bell abriu sua própria escola para treinar os professores de surdos em Boston, publicou livreto com

método “ O pioneiro da fala visível”, a continuação do trabalho do pai.

1873

Alexander Graham Bell deu aulas de fisiologia da voz para surdos na Universidade de Boston. Lá ele conheceu a surda Mabel Gardiner Hubbard com quem se casou no ano 1877.

1875

Um ex-aluno do INES, Flausino José da Gama, aos 18 anos, publicou “Iconografia dos Signaes dos Surdos-Mudos”, o primeiro dicionário de língua de sinais no Brasil.

1880

Realizou-se Congresso Internacional de Surdo-Mudez, em Milão – Itália, onde o método oral foi votado o mais adequado a ser adotado pelas escolas de surdos e a língua de sinais foi proibida oficialmente alegando que a mesma destruiu a capacidade da fala dos surdos, argumentando que os surdos são “preguiçosos” para falar, preferindo a usar a língua de sinais. O Alexander Graham Bell teve grande influência neste congresso. Este congresso foi organizado, patrocinado e conduzido por muitos especialistas ouvintes na área de surdez, todos defensores do oralismo puro (a maioria já havia empenhado muito antes de congresso em fazer prevalecer o método oral puro no ensino dos surdos). Na ocasião de votação na assembléia geral realizada no congresso todos os professores surdos foram negados o direito de votar e excluídos, dos 164 representantes presentes ouvintes, apenas 5 dos Estados Unidos votaram contra o oralismo puro.

Nasce a Hellen Keller em Alabama, Estados Unidos. Ela ficou cega, surda e muda aos 2 anos de idade. Aos 7 anos foi confiada a professora Anne Mansfield Sullivan, que lhe ensinou o alfabeto manual tátil (método empregado pelos surdos-cegos). Hellen Keller obteve graus universitários e publicou trabalhos autobiográficos.

1932

O escultor surdo, Antônio Pitanga, pernambucano, formado pela escola de Belas Artes, foi vencedor dos prêmios: Medalha de prata (escultura Menino sorrindo), Medalha de ouro (Escultura Ícaro) e o prêmio viagem à Europa (com a escultura Paraguassú).

1951

Um surdo, Vicente de Paulo Penido Burnier foi ordenado como padre no dia 22 de setembro. Ele esperou durante 3 anos uma liberação do Papa da Lei Direito Canônico que na época proibia surdo de se tornar padre.

1957

Por decreto imperial, Lei nº 3.198, de 6 de julho, o “Imperial Instituto dos Surdos-Mudos” passou a chamar-se “Instituto Nacional de Educação dos Surdos” – INES. Nesta época a Ana Rímola de Faria Daoria assumiu a direção do INES com a assessoria da professora Alpia Couto, proibiram a língua de sinais oficialmente nas salas de aula, mesmo com a proibição os alunos surdos continuaram usar a língua de sinais nos corredores e nos pátios da escola.

1960

William Stokoe publicou “Language Structure: na Outline of the Visual Communication System of the American Deaf” afirmando que ASL é uma língua com todas as características da língua oral. Esta publicação foi uma semente de todas as pesquisas que floresceram em Estados Unidos e na Europa.

1961

O surdo brasileiro Jorge Sérgio L. Guimarães publicou no Rio de Janeiro o livro “Até onde vai o Surdo”, onde narra suas experiências de pessoa surda em forma de crônicas.

1969

A Universidade Gallaudet adotou a Comunicação Total.

O padre americano Eugênio Oates publicou no Brasil “Linguagem das Mãos”, que contém 1258 sinais fotografados.

1977

Foi criada a FENEIDA (Federação Nacional de Educação e Integração dos Deficientes Auditivos) composta apenas por pessoas ouvintes envolvidas com a problemática da surdez.

Foi lançado o livro de poemas: “Ansia de amar” do surdo Jorge Sérgio Guimarães, após a morte do mesmo.

1994

Foi fundada a CBDS, Confederação Brasileira de desportos de Surdos, em São Paulo- Brasil

1986

Estreou o filme “Filhos do Silêncio”, na qual pela primeira vez uma atriz surda, a Marlee Matlin, conquistou o Oscar de melhor atriz em Estados Unidos.

1987

Foi fundada a FENEIS– Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos , no Rio de Janeiro – Brasil, sendo que a mesma foi reestruturada da antiga ex-FENEIDA.

A FENEIS conquistou a sua sede própria no dia 8 de janeiro de 1993, Rio de Janeiro - Brasil.

1997

Closed Caption (acesso à exibição de legenda na televisão) foi iniciado pela primeira vez no Brasil, na emissora Rede Globo, o Jornal Nacional, em mês de setembro.

	<p>1999 <i>Foi lançada a primeira revista da FENEIS, com capa ilustrativa do desenhista surdo Silas Queirós</i></p> <p>2002 <i>Formação de agentes multiplicadores Libras em Contexto em MEC/Feneis.</i></p> <p>2006 <i>Iniciou Letras/libras com 9 polos</i></p>
--	---

Unidades 05

DIFERENTES OLHARES NA HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO DOS SURDOS

A análise histórica busca, justamente, captar o aleatório que casualmente conduziu à produção de um resultado específico que, contudo, parece necessário.
(Goldman, 1998, p.89-90)

A história de surdos registrada segue várias trajetórias, nas quais citarei algumas visões diferenciadas que são por um lado a história da educação dos surdos que contém muito de Historicismo, ou seja a história escrita onde predomina a hegemonia dos poderosos; a história na visão da influência preponderante e superioridade e por outro lado, a História Cultural', ou seja a história na visão das diferentes culturas, em nosso caso, dos povos surdos, que infelizmente tem poucos registros. Segue reflexão da autora SÁ a respeito da história de surdos:

“Em síntese, a história dos surdos, contada pelos não-surdos, é mais ou menos assim: primeiramente os surdos foram ‘descobertos’ pelos ouvintes, depois eles foram isolados da sociedade para serem ‘educados’ e afinal conseguem ser como os ouvintes; quando não mais se pôde isola-los, porque eles começaram a formar grupos que se fortaleciam, tentou-se dispersa-los, para que não criassem guetos. (2004, p.3)

e por ultimo há outra visão: a história na visão crítica, que seria o historicismo e a história cultural mistas.

Diferentes olhares na história de surdos:

1- **Historicismo / História hegemonia:** O historicismo é a doutrina segundo a qual cada período da história tem crenças e valores únicos, devendo cada fenômeno ser entendido através do seu contexto histórico; no caso de história de surdos é a valorização excessiva da história do colonizador. Em Estudos Surdos, segundo a PERLIN (2003), para os surdos, a definição de historicismo é a história concebida na visão do colonizador, isto é do ouvintismo

Exemplo do que poderia ser o *historicismo* de hoje:

Entrega aos especialistas uma criança surda saudável, mas que se torna uma criança 'deficiente' ao ser avaliada, que agora é rotulada com um modelo de enfermidade baseado no grau de surdez e a partir daí os especialistas preocupam-se em minimizar a educação destinada aos considerados normais e acreditando que dessa forma estão usando de tempo em oferecer tratamento clínico-terapêutico para cura desta enfermidade.

2- **História cultural:** é uma nova forma de a história de surdos trabalhar dando lugar à cultura e não mais a história escrita sob as visões do colonizador". A História Cultural reflete os movimentos mundiais de surdos procurando não ter uma tendência em priorizar apenas os fatos vivenciados pelos educadores ouvintes, tornando-se uma história das instituições escolares e das metodologias ouvintistas de ensino e sim procurar levar através de relatos, depoimentos, fatos vivenciados e observações de povo surdo, misturando-se em um emaranhado de acontecimentos e ações, levadas a cabo por associações, federações, escolas e movimentos de surdos que são desconhecidas pela grande maioria das pessoas.

Aspectos que se referem a história cultural de hoje:

Piadas e contação de histórias;

Artes surdas;

Teatro com expressão visual e corporal;

Comportamentos;

Pedagogia surda

Artefatos tecnológicos em casas e escolas de surdos: despertadores vibradores, tdd/ts, celulares com torpedos, closed caption, campainhas com luz, babá sinalizadores, etc.

3- **História na visão crítica:** "Pode haver historicismo e história cultural que se misturam e usam o jogo de 'camuflagem' que aqui indica como 'espaço' diante dos olhos como incompleto, como fragmento, corte, máscara, escudo,

representação e/ou fingimento. O uso dessa ‘máscara’ pode ser consciente ou não, que pode até estar banhado de dúvidas e/ou dificuldades de aceitação e lutam contra ela, acreditando que esta intenção é sincera, sendo assim que acham mais fácil ignorar do que a ter que conviver com as verdades que por vezes podem ser dolorosas ou medo de se expressar num grupo que luta contra as práticas ouvintistas e não quer ‘enxergar’ o outro lado da história. Mas devesse ter sido visto abertamente de outro modo, de outro ângulo e/ou algo escaparam ao alcance dos seus olhos e não perceberam.

Exemplos de prática da história crítica de hoje

Bilinguismo mascarado

Respeito de cultura surda?

Relação de Poder: Ouvintes X Surdos

Vejamos na tabela abaixo de como são as representações dos sujeitos surdos em diferentes olhares:

Historicismo	História crítica	História Cultural
⇒ Os surdos narrados como deficientes e patológicos	⇒ Os surdos narrados como ‘coitadinhos’ que precisam de ajuda para se promoverem, se integrar	⇒ Os surdos narrados como sujeitos com experiências visuais
⇒ Os surdos são categorizados em graus de surdez	⇒ Os surdos têm capacidade, mas dependentes.	⇒ As identidades surdas são múltiplas e multifacetadas
⇒ A educação deve ter um caráter clínico-terapêutico e de reabilitação	⇒ A educação como caridade, surdos ‘precisam’ de ajuda para apoio escolar, porque tem dificuldades de acompanhar.	⇒ A educação de surdos deve ter respeito à diferença cultural
⇒ A língua de sinais é prejudicial aos surdos	⇒ A língua de sinais é usada como apoio ou recurso.	⇒ A língua de sinais é a manifestação da diferença lingüística-cultural relativa aos surdos

Unidade 06

HISTORICISMO: O CONFLITO DO CONGRESSO DE MILÃO 1880

Esta história dos surdos é uma decepção, simplesmente reinvocando e reescrevendo a dominação e a exclusão que têm mais freqüentemente sido conhecidas como os “marcadores” da experiência histórica das pessoas surdas (Wrigley, 1996)

Nenhuma outra ocorrência na história da educação de surdos teve um grande impacto nas vidas e na educação dos povos surdos. Houve a tentativa de fazer da língua de sinais em extinção.

Em 6 até 11 de setembro de 1880, houve um congresso internacional de educadores surdos em cidade de Milão na Itália. Neste congresso, foi feita uma votação proibindo oficialmente a língua dos sinais na educação de surdos.

Este congresso foi organizado, patrocinado e conduzido por muitos especialistas ouvintistas, todos defensores do oralismo puro. Do total de 164 delegados, 56 eram oralistas franceses e 66 eram oralistas italianos; assim, havia 74% de oralistas da França e da Itália. Alexander Graham Bell teve grande influência neste congresso.

Os únicos países contra a proibição eram os Estados Unidos e Grã-Bretanha, havia professores surdos também, mas as suas ‘vozes’ não foram ouvidas e excluídas de seus direitos de votarem.

Vejam as seguintes oito definições que foram declaradas e votadas durante o Congresso, que mudou drasticamente toda a história de surdos.

Definição 1

Considerando em exceção de preferência de sinais do que de fala ao integrar o surdo-mudo à sociedade, e em dar-lhe um conhecimento melhor da língua,

Declara:

Que o método oral deve ser preferido do que a de língua de sinais para o ensino e na educação dos surdos-mudos.

160 votação a favor e 4 contra em 7/9/1880.

Definição 2

Considerando que o uso simultâneo da fala e de língua de sinais tem a desvantagem de prejudicar a fala, a leitura labial e a precisão das idéias,

Declara:

Que o método oral puro deve ser preferido.

150 votação a favor e 16 contra em 9/9/1880.

Definição 3

Considerando que um grande número de surdos-mudos não estão recebendo os benefícios da educação, e que esta circunstância é devida à ineficácia das famílias e das instituições.

Recomenda:

que os governos tomem as medidas necessárias para que todos os surdos-mudos possam receber educação.

Votação a favor unanimemente em 10/9/1880.

Definição 4

Considerando-se que o ensino ao surdo oralizado pelo Método Oral Puro deve se assemelhar tanto quanto possível ao ensino daqueles que ouvem e falam,
Declara:

a) Que o meio mais natural e mais eficaz através do qual o surdo oralizado pode adquirir o conhecimento da língua é o método “intuitivo”, o qual consiste em expressar-se primeiramente pela fala, e em seguida através da escrita, os objetos e os fatos que são colocados diante dos olhos dos alunos.

b) Que no período inicial, ou maternal, o surdo-mudo deve ser conduzido à observação de formas gramaticais por meio de exemplos e de exercícios práticos, e no segundo período ele deve receber auxílio para deduzir as regras gramaticais a partir dos exemplos, expressadas com o máximo de simplicidade e clareza.

c) Que os livros, escritos com palavras e em formas lingüísticas familiares aos

alunos, estejam sempre acessíveis.

Aprovado em 11/09/1880.

Definição 5

Considerando-se a carência de livros elementares o suficiente para auxiliar no desenvolvimento gradual e progressivo da língua,

Recomenda:

Que os professores do sistema oral devem se dedicar à publicação de obras especiais sobre o assunto.

Aprovado em 11/09/1880.

Definição 6

Considerando-se os resultados obtidos por meio de várias pesquisas realizadas a respeito de surdos-mudos de todas as idades e condições que haviam se evadido da escola há muito tempo, e que quando tinham de responder a perguntas sobre diversos assuntos, responderam corretamente, com clareza de articulação suficiente e conseguiram ler os lábios de seus interlocutores com grande facilidade,

Declara:

a) Que os surdos-mudos ensinados pelo método oral puro não se esquecem, após ter deixado a escola, os conhecimentos que lá adquiriram, mas os desenvolvem continuamente através das conversação e da leitura, quando estas são facilitadas.

b) Que em sua conversação com pessoas ouvintes, os surdos-mudos fazem uso exclusivo da fala.

c) Que a fala e a leitura labial, muito longe de terem sido abandonadas, são desenvolvidas através de prática.

Aprovado em 11/09/1880..

Definição 7

Considerando-se que o ensino de surdos-mudos através da fala tem exigências peculiares; considerando-se também que a experiência dos

professores de surdos-mudos é quase unânime,

Declara:

- a) Que a idade mais favorável para admitir uma criança surda na escola é entre oito e dez anos.
- b) Que o período letivo deve ter ao menos sete anos; mas preferencialmente oito anos.
- c) Que nenhum professor pode ensinar um grupo de mais de dez crianças no método oral puro.

Aprovado em 11/09/1880.

Definição 8

Considerando-se que a aplicação do método oral puro nas instituições onde ele ainda não está em pleno funcionamento, deve ser - para evitar um fracasso do contrário inevitável - prudente, gradual, progressiva.

Recomenda:

- a) Que os alunos com ingresso recente nas escolas devem formar um grupo em si, onde o ensino poderia ser ministrado através da fala.
- b) Que estes alunos devem absolutamente ser separados de outros alunos que tiveram defasagem no ensino através da fala, e cuja educação será finalizada através de sinais.
- c) Que um novo grupo oralizado seja estabelecido todos os anos, e que todos os alunos antigos que foram ensinados por sinais terminem sua educação.

Aprovado em 11/09/1880.

Obviamente vocês já perceberam que a causa do oralismo puro já era vitoriosa, por causa do número de presentes de sujeitos ouvintistas; assim demonstrou-se que o triunfo do oralismo puro já estava determinado antes mesmo de o congresso iniciar.

O que aconteceu depois?

Após o congresso, a maioria dos países adotou rapidamente o método oral nas escolas para surdos, proibindo oficialmente a língua de sinais, decaiu muito o número de surdos envolvidos na educação de surdos. Em 1960, nos Estados Unidos, eram somente 12% os professores surdos como o resto do mundo.

Em consequência disto, a qualidade da educação dos surdos diminuiu e as crianças surdas saíam das escolas com qualificações inferiores e habilidades sociais limitadas.

Ali começou uma longa e sofrida batalha do povo surdo para defender o seu direito lingüístico cultural, as associações dos surdos se uniram mais, os povos surdos que lutam para evitar a extinção das suas línguas de sinais.

Unidade 07
REFLETINDO NAS DIFERENÇAS CULTURAIS SURDAS
NA HISTÓRIA DE EDUCAÇÃO.

*A sociedade impõe limites,
Mas isso não significa que a cultura surda
Não tenha permissão para se desenvolver.*
Jonna Widell

As Informações históricas relativas a fatos como a chegada dos portugueses ao Brasil ou a abolição da escravatura são de fácil acesso em documentos. Nesses registros, no entanto, só se encontram versões oficiais. Existem muitas outras fontes importantes omitidas, no entanto, o que pensavam os índios e os escravos nesses momentos históricos? São poucos os documentos que trazem a 'voz' desses dois grupos.

Isto ocorre o mesmo com o povo surdo, a história que surgiu é a história feita segundo sujeitos ouvintes elogiando professores ouvintes pela iniciativa de trabalhos com os surdos e pela tecnologia oralista. Onde está a história das associações de surdos? De professores surdos? De sujeitos surdos bem-sucedidos? Da pedagogia surda? A história cultural de surdos quase nunca lhes é contada, visto que este seria um passo importante para a legitimação do modelo cultural do 'Ser Surdo'. Conforme Wrigley (1996, p. 38):

Pintar psichistórias de grandes homens lutando para obter um lugar na história das civilizações dos que ouvem tem pouco ou nada a ver com representar as circunstâncias históricas das pessoas Surdas vivendo à margem daquelas sociedades que ouvem.

A votação do Congresso de Milão provocou um "rombo" que ocasionou uma queda na educação de surdos e agora os povos surdos estão criando forças e ânimo para levantarem-se e lutarem pelos seus direitos à educação.

Na fase '**isolamento cultural**', a língua de sinais esteve proibida por mais de 100 anos, mas sempre esteve viva na mente dos povos surdos até hoje; no

entanto, o desafio é mudar a história dos surdos.

Na fase de ***'revelação cultural'***, antes do Milão, houve muitos professores surdos, escritores surdos, artistas surdos, líderes e militantes das comunidades surdas que é de extrema importância pesquisarmos e registrarmos.

Vou citar alguns exemplos e almejo que os povos surdos continuem registrando outros exemplos para enriquecer a história cultural.

Um dos mais brilhante professor surdo da história cultural dos surdos é o Ferdinando Berthier, ele nasceu no ano de 1803 em cidade de Louhans, França.

Iniciou a educação com 8 anos em Instituto Nacional de Jovens Surdos-Mudos de Paris - INjS e depois de se formar passou a lecionar no mesmo local durante mais de 40 anos. Enquanto foi professor de surdos o seu método de ensino tinha por base a identidade surda e língua de sinais.

Berthier escreveu vários livros e artigos de história de surdos, defendendo o povo surdo, a língua de sinais, a cultura surda, a educação, sobre artistas surdos e determinados surdos que fazem a poesia em LSF (Língua de sinais francês), também relatou as atrocidades cometidos pelo Povo Esparta contra o Povo Surdo, comentou que o Congresso de Milão “é um catástrofe para as pessoas surdas de França se as decisões forem aplicadas”. e outros², a obra escrita que mais foi destacado foi a biografia de L'Epeé “*Um surdo antes e depois do abade L'Epeé*”, que resultou o oferecimento de um prêmio especial que era dado anualmente aos sujeitos lustres da sociedade francesa: ao L'Epeé.

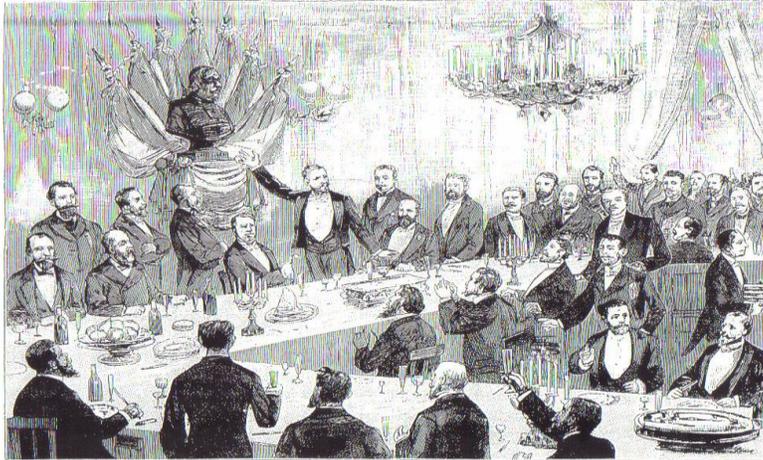
Em 1834, com seus companheiros surdos, Lenoir, Forestier (que depois dessa época foi diretor de escola de surdos em Lyon), criaram uma comitê de surdos-mudos. Dentre os dez membros desse comitê estava o Frederic Peysson de Montpellier, um pintor destacado que pintou alguns anos depois um quadro “*Os últimos momentos de l'Epee*” e o italiano Torino Mosca, também pintor.

Neste comitê decidiram organizar todos os anos um banquete dos

² (para saber mais ler o artigo publicado no site:
<http://143.106.58.55/revista/viewarticle.php?id=126&layout=abstract>)

surdos-mudos para homenagear ao abade L'Épée, que foram de grandes sucessos e com isto nasceu o 'movimento de surdos'.

Participavam neste banquete muitos surdos estrangeiros, de Itália, Inglaterra, Alemanha e Estados Unidos, entre eles estavam o John Carlin (aluno de Laurent Clerc) e outros.



III. 2: The annual banquet of the Deaf on November 28, 1886: a toast to the abbé de L'Épée on the occasion of his 174th birthday

Fonte: FISCHER, Renate & LANE, Harlan (eds.) **Looking Back – International Studies on Sign Language and Communication of the Deaf**. SIGNUM PRESS. 1993. v.20

O Berthier e seus companheiros criaram a primeira Associação de Surdos visando recolher sujeitos surdos, que foi a 'semente' para a criação das outras associações dos surdos no mundo todo.

Berthier Recebeu o prêmio *French Legion of Honor* (Legião de Honra Francesa).

O interessante é que através de relatos de Berthier notamos que muitos dos nomes que foram aclamados na história de surdos como heróis salvadores de povos surdos eram por ele considerados plagiadores e outras vezes charlatões, mas enaltece o L'Épée, embora não concorde com alguns feitos do mesmo, vemos a seguir a citação dele (apud NASCIMENTO):

Até então, como eu já havia explicado, todos os educadores de surdos interpretavam o princípio que "nossa mente não contém nada que não

chegou lá através dos sentidos” como se seu único trabalho fosse dar a estes desafortunados o uso mecânico da fala. Ao contrário, l'Epée foi o primeiro a vislumbrar na linguagem mímica ainda imperfeita deles, meios mais seguros e simples de comunicação e uma mais direta e clara tradução de pensamento. (2006, p. 256)

Outro surdo, o Pierre Pelissier, além de professor da Instituição Imperial de Paris, também era um poeta e membro ativo da “*Sociedade Central de Educação de Assistência aos Surdos-Mudos*”. Foi ele quem elaborou um manual de sinais, a “*iconografia de sinais*”, que mais tarde no ano de 1875, foi reproduzida pelo surdo brasileiro Flausino de Gama.

Na atividade obrigatória dessa unidade vocês continuarão pesquisando e vão surpreender ao verem que tiveram muitos professores surdos que foram importantes na história de educação dos surdos e não são registrados.

Unidade 08

REPRESENTAÇÕES DE SURDOS NO BRASIL EM DEFESA DA EDUCAÇÃO DE SURDOS

*Para o movimento surdo, contam as instâncias que afirmam
a busca do direito do indivíduo surdo em ser diferente
em questões sociais, políticas e econômicas
que envolvem o mundo do trabalho, da saúde,
da educação, do bem-estar social*
Perlin, 1998

As comunidades surdas no Brasil têm uma história longa. O povo surdo brasileiro deixou muitas tradições e histórias em suas organizações das comunidades surdas, que podem ser associação de surdos, federações de surdos, confederações e outros.

Associação iniciou diante de uma necessidade de povos surdos terem um espaço ao se unirem e resistirem contra as práticas ouvintistas que não respeitavam a cultura deles.

No início as associações de surdos tinham exclusivamente o objetivo de natureza social devido ao baixo padrão de vida no século XVIII, os sujeitos surdos tinham a finalidade de ajudar uns aos outros em caso de doença, morte e desemprego e, além disso, as associações se propunham a fornecer informações e incentivos através de conferências e entretenimentos relevantes. (Widel, 1992).

Como afirma MONTEIRO:

“(...)Há pessoas surdas em toda a parte do Brasil. Porém, muitos surdos são invisíveis à Sociedade (...): a) Nos Lugares Comuns (praças, bares, cinemas, clubes, etc.), b) Nas Associações de Surdos, c) Nas Escolas e Universidades, d) Nas Clínicas, e) Nas Igrejas” (2006, p.280)

Hoje as associações de surdos fornecem muitas atividades de lazer, cultural, esportivos, sociais e outros.

As principais comunidades surdas

1- Associações de Surdos: Uma associação de surdos surge em função de reunir sujeitos surdos que participam e compartilham os mesmos interesses em

comuns, assim como os costumes, a história, as tradições em comuns, em uma determinada localidade, geralmente em uma sede própria ou alugada, ou cedida pelo governo e outros espaços físicos.

A Associação de Surdos representa importante espaço de encontro entre os sujeitos surdos da comunidade surda. Importantes movimentos em prol a causa de surdos se originaram e ainda se resultam das reuniões e assembléias nas associações de surdos que ocorrem por todo o Brasil.

2- Federação Nacional de Educação de Surdos / FENEIS: é uma entidade filantrópica, sem fins lucrativos com finalidade sócio-cultural, assistencial e educacional que tem por objetivo a defesa e a luta dos direitos da Comunidade Surda Brasileira. É filiada a Federação Mundial dos Surdos.

3- Confederação Brasileira de Desportos dos Surdos / CBDS. Esta confederação organiza e regulamenta muitas práticas de muitas modalidades de esportes de povo surdos, também promove competições entre as associações de surdos e outros.

4- Federação Estaduais Esportivas de Surdos. promove intercâmbios de esportes dentre as várias associações de surdos do Estado.

3- Outras Instituições : associações de pais e amigos de surdos, Associações de intérpretes de Libras, escolas de surdos e outros.

4- Representantes religiosas: pastorais de surdos, ministério de keiraihagui, grupos de jovens de igrejas, etc...

Unidade 09

MEMÓRIAS DAS NARRATIVAS SURDAS COMO REGISTRO

Conversando com um vendedor Surdo, (...) em sua viagem vai descobrindo novos Surdos e divulgando a Libras a educação, direitos e contando as novidades das demais localidades realiza troca de sinais da Libras entre uma comunidade e outra fazendo assim valer que a Libras é uma língua viva que há uma interação que deverá ser acompanhada.
(Shirley Vilhalva)

Nesta unidade vamos praticar construindo a história cultural do povo surdo!

Quando estudamos e interpretamos a história do povo surdo, não o fazemos pela afeição ao passado, mas pela luz que ele lança sobre as trajetórias do povo surdo de hoje.

Para estudar e registrar a história de surdos, a tarefa de historiador é submeter os fatos históricos a uma análise, a mais objetiva possível. Neste trabalho desenvolvemos a partir das fontes obtidas para fazermos registros.

Vocês lembram o que são fontes? Voltem a ler a unidade 2 para revisar.

Tem várias metodologias para registros de história, nesta unidade vamos estudar uma, que é a História Oral que é uma metodologia de pesquisa que transcende as fronteiras disciplinares, podendo ser utilizada por diferentes campos dos conhecimentos dependendo unicamente de sua adequação aos objetivos da pesquisa a ser desenvolvida.

Como fazemos?

Há escassez de história cultural de surdos, justamente por falta de registros, porque por muitas gerações os povos surdos fazem narrativas não escritas de suas vidas, contam as tradições culturais que integraram em suas comunidades surdas através de língua de sinais, nos séculos passados não tinha como registrar estas narrativas por não haver tecnologia avançada que hoje temos: as filmagens, fotos, webcam, etc..

Então, a metodologia de história oral corresponde às necessidades de preenchimentos desses vácuos dando sentido extenso à história cultural ilustrando

os atos cometidos pelas comunidades surdas que foram herdados aos povos surdos de hoje, como afirma o alemão Walter Benjamin (1892-1940)³: "*É fundamental preservar a memória daqueles que não têm lugar nos manuais de história, salvaguardar os seus testemunhos e depoimentos*"

Então hoje em dia estão sendo feitas muitas filmagens com as narrativas dos surdos militantes, líderes, testemunhas e que tem muitas experiências na política e movimentos das comunidades surdas para registrar os fatos históricos, além disto também tem muitas pesquisas com muitas fontes que comprovam suas narrativas, as fotos, jornais, cartas etc.

Como diz Meihy⁴ " (...) a formulação de documentos através de registros eletrônicos é um dos objetivos da história oral. Tais documentos, contudo, podem também ser analisados a fim de favorecer estudos de identidade e memória cultural" (2006, p.17)

É importante pesquisarmos várias fontes para construir uma história, pois sabemos que um fato histórico é feita de versões. Um mesmo acontecimento pode ser narrado de mil formas diferentes. Tomemos uma situação de que a polícia investiga abuso sexual contra menino surdo⁵ como exemplo.

O Fato: A Delegacia de Defesa da Mulher (DDM), de Ribeirão Preto, está investigando um caso de abuso sexual contra um menino surdo-mudo de 8 anos. Na noite de terça-feira, 20, o menino foi violentado por três rapazes enquanto estava do lado de fora de uma igreja evangélica, onde seu pai é pastor.

A versão das testemunhas: Enquanto o pai, João Batista de Souza, de 44 anos, conduzia o culto na igreja, o filho brincava com outras crianças na rua. No final do culto, porém, algumas pessoas observaram que a bermuda do menino estava suja, com vestígios de sangue.

A versão do pediatra: constatou que havia sofrido o abuso sexual. Em seguida,

³site: http://www.culturgest.pt/actual/walter_benjamin.html acesso: 20/06/2007

⁴ MEIHY, José Carlos Sebe Bom. *Manual de História Oral*, Edições Loyola, São Paulo: 1996.

⁵ Fonte: <http://www.gospelmais.com.br/noticias/932/policia-investiga-abuso-sexual-contra-menino-surdomudo-filho-de-pastor.html> Acessado em 16/07/2007

ele foi levado à Unidade de Emergência (UE), do Hospital das Clínicas (HC), onde ficou internado, em observação e para fazer exames.

A versão da delegada: "Ele (o menino) se expressou um pouco, por gestos, informando que três pessoas desconhecidas cometeram o crime, mas que pode identificá-los se os avistar novamente", disse a delegada Márcia. Os autores podem ser adolescentes, pois o garoto indicou que eles teriam cerca de 1,60 m, segundo a delegada.

Para apurar uma verdade, a idéia é convocar testemunhas para relatar o que viram e as outras evidências isto é, fontes também podem ser coletadas. Assim terá mais elementos do que somente uma versão narrada para compor um fato histórico. Às vezes existem múltiplas referências sobre uma mesma situação, em outros momentos, ao contrário, sobrevive apenas uma versão.

Tempos depois, alguma descoberta pode dar uma nova visão sobre o fato e gerar uma re-interpretação dos acontecimentos históricos. Isto é muito importante, pois senão corremos o risco de cristalizar as representações a respeito de povo surdo, como por exemplo: "O surdo-mudo é doente".

CONCEITO

História oral

A história oral é uma metodologia de pesquisa que consiste em realizar entrevistas gravadas com sujeitos que podem testemunhar sobre acontecimentos, no caso de povo de surdos, geralmente registramos filmagens das narrativas feitas em língua de sinais sobre os acontecimentos das diversas situações ocorridas com as comunidades surdas, instituições, modos de vida ou outros aspectos da história cultural.

O pesquisador procura o sujeito que vai fazer narrativa e lhe faz perguntas em língua de sinais através de filmagens, geralmente isto ocorre depois do acontecimento do fato histórico em que se quer investigar. Além disso, também fazem parte registros biográfico, através de diversas fontes como os documentos, fotos, jornais etc... ao lado de memórias e autobiografias, que

permitem compreender como sujeitos experimentaram e interpretam acontecimentos, situações e modos de vida de uma comunidade surda ou do povo surdo. Isso torna o estudo da história mais real e próximo, facilitando o registro do passado e a compreensão pelas gerações futuras das experiências vividas por sujeitos.

As narrativas de povo surdo são usadas como fontes para a compreensão da história cultural de surdos!

Como é feita as narrativas de surdos?

Ao fazer a entrevista em libras, fazemos filmagens através de filmadora ou de webcam, depois de terminada das entrevistas fazemos a tradução ou transcrição das entrevistas de libras para o português escrito, em alguns casos também podemos registrar em um CD as filmagens.

LEITURAS COMPLEMENTARES:

BARBOZA, Heloisa Helena e MELLO, Ana Cláudia P.Teixeira. O Surdo: Este Desconhecido – Incapacidade absoluta do surdo-mudo. Oficina Folha Carioca Editora Ltda: Rio de Janeiro, 1995.

LANE, Harlan. A Máscara da Benevolência: a comunidade surda amordaçada. Lisboa: Instituto Piaget, 1992.

_____ When the Mind Hears: a history of the deaf. Nova York: Vintage Books, 1989.

LOPES, Maura Corcini, “A natureza Educável do surdo: a normalização surda no espaço da escola de surdos” In THOMA, Adriana da Silva e LOPES, Maura Corcini (orgs), A Invenção da Surdez: Cultura, alteridade, Identidade e Diferença no campo da educação, Santa Cruz do Sul, EDUNISC, 2004.

MAZZOTTA, Marcos J.S. Educação Especial no Brasil: História e políticas públicas. São Paulo: Cortez Editor, 2001

MITTERRAND, François. Lê Pouvoir dès Signes. Paris: Institut National de Jeunes Sourds de Paris, 1989.

MOURA, Maria Cecília de. História e Educação: o surdo, a oralidade e o uso de sinais. In LOPES FILHO, Otacílio de C. Tratado de Fonoaudiologia.São Paulo: Roca, 1997.

PADDEN, Carol e HUMPHRIES, Tom. Deaf in américa: voices from a culture. Cambridge: Harvard University Press,2000.

PESAVENTO, Sandra J.; História & História Cultural. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

ROCHA, Solange. Histórico do INES. Revista Espaço: edição comemorativa 140 anos – INES – Instituto Nacional de Educação de Surdos, Belo Horizonte: Editora Littera, 1997.

SÁ, Nídia Regina Limeira de, Cultura, Poder e Educação de Surdos. Manaus: INEP, 2002.

SACKS, Oliver. Vendo Vozes: Uma jornada pelo mundo dos surdos. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1990.

SANCHES, Carlos M. La increíble y triste historia de la sordera. Venezuela, 1990.

SKLIAR, Carlos, Educação & exclusão: abordagens sócio-antropológicas em educação especial. Porto Alegre: Editora Mediação, 1997.

_____ La educación de los sordos – Una reconstrucción histórica, cognitiva y pedagógica. Mendoza: EDIUNC, 1997.

_____ A Surdez: um olhar sobre as diferenças. Porto Alegre: Editora Mediação, 1998.

SOARES, Maria Aparecida Leite. A Educação do Surdo no Brasil. Campinas, SP: Autores Associados, EDUSF, 1999.

SOUZA, Regina Maria de. Que palavra que te falta? Lingüística, educação e surdez. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

WIDELL, Joanna As fases históricas da cultura surda, Revista GELES – Grupo de Estudos Sobre Linguagem, Educação e Surdez nº 6 – Ano 5 UFSC- Rio de Janeiro: Editora Babel, 1992.